

# Geografia e pensamento contraintuitivo

por João Ferrão



6 de março

Revelar: o Mundo que não se vê

13 de março

Decifrar: a Europa em transfiguração

20 de março

Imaginar: Portugal, território de esperança

27 de março

Propor: Quem ordena o território?

Habitúamo-nos a descrever o território de Portugal continental a partir de duas dicotomias: Norte/Sul e litoral/interior. Mas conseguiremos nós pensar estrategicamente o país e dar-lhe sentido continuando a invocar essas duas oposições? Há discursos que têm o poder de construir realidades sociais que vão para além dos contextos temporais que lhe deram origem. A oposição Norte/Sul traduz os grandes contrastes geográficos do Portugal rural agrícola magistralmente interpretado por Orlando Ribeiro. A oposição litoral/interior reflete a sociedade dual identificada por Adérito

Sedas Nunes nos anos 60 do século passado, quando um Portugal moderno urbano-industrial começa a emergir. Estas duas oposições correspondem, pois, a contextos históricos particulares. Hoje, equivalem sobretudo a memórias sociais. Mas porque ensinadas, divulgadas e socializadas, fazem parte do nosso vocabulário quotidiano e condicionam as análises que fazemos sobre o presente e as visões que construímos sobre o futuro. Esse Portugal idealizado por académicos, mas também por decisores políticos, convive agora com novas espacialidades, próprias de um país contemporâneo, organizado em rede e globalizado. É sobre este Portugal continental de múltiplas espacialidades, levantando inevitáveis tensões entre visões e conceitos obsoletos a descartar, memórias sociais e realidades naturais a respeitar e espacialidades com sentido de futuro a apoiar, que devemos ser capazes de construir um novo discurso, suscetível de imaginar o país como território de esperança.

Vivemos um período de transição profunda, marcado por um passado que

já não é possível prolongar e por futuros anunciados que não se irão cumprir. A visão unilinear de modernização, progresso e desenvolvimento encontra-se, hoje, profundamente abalada. Pelo contrário, instabilidade e complexidade, imprevisibilidade e contingência, são elementos centrais das sociedades contemporâneas.

Este novo contexto obriga a questionar velhas certezas, a contestar análises, a duvidar de soluções dadas como adquiridas. O pensamento contraintuitivo ganha, assim, um renovado papel. Talvez haja, afinal, mundos que não vemos, alterações que nos escapam. Talvez haja, também, espaços de esperança por identificar e soluções inteligentes por desenvolver. A Geografia tem um contributo a dar para tornar o atual período de transição mais escrutinável e inteligível, mais promissor e melhor gerido. Revelar mundos invisíveis, decifrar dinâmicas territoriais em curso, imaginar espaços desejados e propor soluções adequadas a um globo crescentemente interdependente não são tarefas fáceis. Mas a imaginação e a inteligência geográficas permitem-nos olhar de uma forma inovadora e articulada para o Mundo, a Europa e Portugal. Centrando sucessivamente a atenção em cada um destes espaços, mas adotando sempre uma visão multiescalar, o ciclo *Geografia e pensamento contraintuitivo* procurará ilustrar a importância de olhares geográficos transformadores no atual contexto de crise e transição.

**João Ferrão** é doutor em Geografia e investigador principal do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Especialista em Geografia Humana, ordenamento do território e desenvolvimento regional e urbano. Coordenou diversos estudos de avaliação de políticas públicas, para o Governo português e a Comissão Europeia. Foi Secretário de Estado do Ordenamento do Território e das Cidades (2005-09).

CONFERÊNCIAS TERÇAS-FEIRAS 6, 13, 20, 27 DE MARÇO 2012 · 18H30 · PEQUENO AUDITÓRIO